



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2022

Aprovado em: 14-05-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6550

GRAFIAS NÃO CONVENCIONAIS DE VOGAIS PRETÔNICAS POR ESCREVENTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PONTA GROSSA (PR)

*UNCONVENTIONAL SPELLINGS OF PRETONIC VOWELS BY 6TH GRADE STUDENTS
OF ELEMENTARY EDUCATION IN PONTA GROSSA (PR)*

*ORTOGRAFÍAS NO CONVENCIONALES DE VOCALES PRETÓNICAS POR
ESTUDIANTES DEL 6º AÑO DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL EN PONTA GROSSA
(PR)*

Márcia Cristina do Carmo¹
Jheniffer Amanda Dias²
Tayná Maria Coelho Bugai³

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar grafias não convencionais de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas estaduais do município paranaense de Ponta Grossa. Especificamente, são investigadas as trocas gráficas em contexto pretônico entre as vogais <e> e <i>, como em “filiz” (para “feliz”) e “entestino” (para “intestino”); bem como entre os grafemas <o> e <u>, como em “muleque” (para “moleque”) e “mølheres” (para “mulheres”). Desse modo, relacionam-se essas grafias não convencionais ao fenômeno fonético-fonológico variável denominado alçamento vocálico, em que as vogais médias-altas /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as altas [i] e [u], como em “p[i]dido” e “g[u]rdura”. Como fundamentação teórica, segue-se o Modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004) e as classificações de grafias não convencionais apresentadas por Cagliari (1998) e Simões (2006). O *corpus* desta pesquisa é constituído de 203 produções textuais do banco de dados de Mendes (2013). Como resultados gerais, foram encontradas 49 ocorrências de grafias não convencionais de vogais pretônicas, sendo 49% classificadas como casos de transcrição/escrita fonética, enquanto 51%, como ocorrências de hipercorreção/regularização sistêmica (CAGLIARI, 1998; SIMÕES, 2006). Nesses casos, verificam-se indícios, respectivamente, do primeiro e do segundo eixos de circulação do escrevente por práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito: (i) o modo de constituição da escrita em sua gênese; e (ii) a apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado (CORRÊA, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Fonética e fonologia; Aquisição da escrita; Grafias não convencionais; Vogais pretônicas; Alçamento vocálico.

ABSTRACT: *This work aims to analyse unconventional spellings by students of the 6th year of Elementary School of two state public schools of Ponta Grossa, Paraná. Specifically, we investigate graphic exchanges in pretonic context between the vowels <e> and <i>, e.g. “filiz” (for “feliz”- ‘happy’) and “entestino” (for*

¹ Professora vinculada ao Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: mccarmo@uepg.br

² Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: jhenifferamandadias@gmail.com

³ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: taynabugai@outlook.com



“intestino” - ‘intestine’); as well as between the graphemes <o> and <u>, e.g. “muleque” (for “moleque” - ‘boy’) and “molheres” (for “mulheres” - ‘women’). Therefore, these unconventional spellings are related to the variable phonetic-phonological phenomenon called vowel raising, in which the mid-high vowels /e/ and /o/ are pronounced, respectively, as the high [i] and [u], as in “p[i]dido” (‘request’) and “g[u]rdura” (‘fat’). As a theoretical background, this work follows the Heterogeneous way of writing organization (CORRÊA, 2004) and the classifications of unconventional spellings presented by Cagliari (1998) and Simões (2006). The corpus of this research consists of 203 textual productions from the Mendes database (2013). As general results, 49 occurrences of unconventional spellings of pretonic vowels were found, 49% of which were classified as cases of phonetic transcription/writing, while 51%, as occurrences of systemic overcorrection/regularization (CAGLIARI, 1998; SIMÕES, 2006). In these cases, there are indications, respectively, of the first and second axes of circulation of the writer through social practices of oral/spoken and literate/written: (i) the mode of constitution of writing in its genesis; and (ii) the appropriation of writing in its status as an institutionalized code (CORRÊA, 2004).

KEYWORDS: Phonetics and phonology; Writing acquisition; Unconventional spellings; Pretonic vowels; Vowel raising.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar las ortografías no convencionales de estudiantes del 6º año de la Enseñanza Fundamental de dos escuelas públicas estaduais del municipio paranaense de Ponta Grossa. Específicamente, se investigan los intercambios de escritura en contexto pretónico entre las vocales <e> e <i>, como en “fíliz” (por “feliz” – ‘contento’) y “entestino” (por “intestino” – ‘intestino’); así como entre los grafemas <o> y <u>, como en “muleque” (para “moleque” – ‘chico’) y “molheres” (para “mulheres” – ‘mujeres’). Así, estas ortografías no convencionales están relacionadas con el fenómeno fonético-fonológico variable denominado elevación de vocales, en el que las vocales medias-altas /e/ y /o/ se pronuncian, respectivamente, como [i] y [u] agudas, como en “p[i]dido” (‘solicitud’) y “g[u]rdura” (‘grasa’). Como fundamento teórico se siguen el Modo heterogéneo de la constitución de escritura (CORRÊA, 2004) y las clasificaciones de ortografías no convencionales presentadas por Cagliari (1998) y Simões (2006). En el corpus de este artículo hay 203 producciones textuales de la base de datos Mendes (2013). Como resultados generales, se encontraron 49 ocurrencias de grafías no convencionales de vocales pretónicas, de las cuales 49% fueron clasificadas como casos de transcripción/escritura fonética, mientras que 51%, como ocurrencias de sobrecorrección/regularización sistémica (CAGLIARI, 1998; SIMÕES, 2006). En estos casos, hay indicios, respectivamente, del primer y segundo ejes de circulación del escritor a través de prácticas sociales de lo oral/hablado y letrado/escrito: (i) el modo de constitución de la escritura en su génesis; y (ii) la apropiación de la escritura en su condición de código institucionalizado (CORRÊA, 2004).

PALABRAS-CLAVE: Fonética y Fonología; Adquisición de escritura; Ortografías no convencionales; vocales pretónicas; elevación vocal.

Introdução⁴

O presente trabalho analisa grafias não convencionais em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas estaduais da rede pública do município paranaense de Ponta Grossa. Neste estudo, são investigadas especificamente as trocas gráficas entre as vogais pretônicas <e> e <i>, como em “repetidamente” (para “repetidamente”) e “denheiro” (para

⁴ Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001).



“dinheiro”), e entre as pretônicas <o> e <u>, como em “dispunível” (para “disponível”) e “fncionários” (para “funcionários”).

Dessa maneira, o objeto de estudos desta pesquisa relaciona-se ao fenômeno fonético-fonológico variável denominado *alçamento vocálico*, que ocorre em contexto átono, marcando variação dialetal no Português Brasileiro (doravante, PB). Quando alçadas, as vogais médias-altas /e/ e /i/ são realizadas como as altas [i] e [u], respectivamente, como em “d[i]dal” e “m[u]delo” (CRISTÓFARO SILVA, 2003).

As grafias não convencionais são analisadas, neste estudo, segundo o Modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004), que concebe três eixos de circulação do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito: (i) modo de constituição da escrita em sua suposta gênese; (ii) apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado; e (iii) dialogia com o já falado/escrito.

Para tanto, essas grafias são categorizadas de acordo com as classificações de grafias não convencionais apresentadas por Cagliari (1998) e Simões (2006): (i) transcrição/escrita fonética; e (ii) hipercorreção/regularização sistêmica.

Cabe destacar que o presente trabalho se insere em um projeto maior, Descrição Sócio-histórica das vogais do Português (do Brasil) – PROBRAVO (CNPq),⁵ liderado pelos Professores Doutores Seung-Hwa Lee (UFMG) e Marco Antônio de Oliveira (PUC/MG), que, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, investiga realizações de vogais em diferentes variedades do PB. Para a variedade de Ponta Grossa (PR), existem lacunas tanto no que diz respeito à realização fonético-fonológica variável das vogais médias pretônicas quanto no que se refere à sua grafia em textos do âmbito escolar. Este estudo visa contribuir para o preenchimento da última lacuna, o que destaca o ineditismo desta investigação.

Diante do exposto, este artigo estrutura-se da seguinte forma: na seção 1, é apresentada a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa; na seção 2, são elencados o material e os métodos empregados; no item 3, é feita a análise dos dados; em 5, têm-se as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

1 Arcabouço teórico

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa analisa trocas gráficas em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), mais

⁵ Mais informações em: <http://relin.lettas.ufmg.br/probravo/index.php>. Acesso em: 19 nov. 2022.



importante do que definir uma metodologia a ser seguida, é necessário que o docente conheça de fato o objeto que ensina.

A proposta então é que, primeiro, o professor conheça o conteúdo da área em que atua, em segundo lugar que reflita sobre como o aluno decodifica o código, isto é, como se dá esse processo de aprendizagem, e depois investigue e teste a capacidade do aluno de elaborar hipóteses sobre o que está decodificando e quais estratégias estimulam essas descobertas (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 166).

Conforme essa proposta, passa-se, a seguir, às considerações sobre o fenômeno fonético-fonológico variável relacionado às grafias não convencionais analisadas neste estudo: o alçamento vocálico.

1.1 Alçamento vocálico

No que diz respeito à língua portuguesa, Câmara Jr. (2007 [1970], p. 41) apresenta o seguinte diagrama para a caracterização das sete vogais tônicas:

Figura 1: Vogais tônicas do português⁶

Altas	/u/			/i/	
Médias		/o/		/e/	(2º grau)
Médias		/O/		/E/	(1º grau)
Baixa			/a/		
	Posteriores		Central		Anteriores

Fonte: CÂMARA JR., 2007 [1970], p. 41

Já em posição pretônica, a oposição entre as vogais médias é neutralizada⁷ em detrimento das vogais médias-baixas, como exemplifica Battisti (2014), com “b/E/lo” – “b/e/leza” e “r/O/cha”

⁶ Por questões tipográficas, neste artigo, as vogais médias-baixas anterior e posterior são transcritas, respectivamente, como /E/ e /O/.

⁷ Neutralização corresponde a um processo em que há perda de contraste fonêmico em um ambiente específico (CRISTÓFARO SILVA, 2011).



– “r/o/choso”, resultando em uma redução de sete oposições vocálicas em contexto tônico a cinco em pretônico.

Em posição átona, as vogais médias estão sujeitas ao alçamento vocálico, que pode ser definido como um fenômeno fonético-fonológico que caracteriza variação dialetal no PB em que se observa “a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]” (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 49), como em “p[i]dido” e “b[u]né”.

O alçamento pode ser explicado por harmonização vocálica, também denominada harmonia, “tipo de assimilação que torna as vogais mais semelhantes entre si” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 154). Por meio desse processo, a vogal pretônica assimila o traço de altura ([+alto]) da sílaba tônica imediatamente seguinte, como em “v[i]stido” e “c[u]ruja”, como demonstrado na regra a seguir:

Figura 2: Regra de harmonização vocálica



Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 155

Segundo Câmara Jr. (2007 [1970], p. 44), as oposições entre as vogais médias-altas e a as altas “ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica”. Bisol (1981), por sua vez, afirma que a tonicidade da vogal que serve como gatilho à aplicação da harmonização não é necessária, já que a vogal alta em contexto pretônico também favorece a aplicação da regra, como em “m[i]ndigar” e “pr[u]cissão”. Todavia, de acordo com a autora, a vogal alta tônica é mais atuante do que sua contraparte átona para a aplicação da harmonização. Bisol (1981) destaca a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo, como em “m[i]ntira” e “c[u]ruja”, como um traço obrigatório para o processo.

Alguns casos de alçamento ocorrem sem a presença de vogal alta na sílaba seguinte, isto é, sem motivação aparente, como em “p[i]queno” e “c[u]lega”, como apresentado por estudos sobre as variedades de Porto Alegre (KLUNCK, 2007; MONARETTO, 2013; SILVA; BIASIBETTI (2017);



BRESCANCINI *et al.* 2017) e do interior paulista (CARMO; CARLOS, 2019). Conforme atesta Bisol (2009), a harmonização vocálica e o alçamento sem motivação aparente tratam-se de processos diferentes, por resultarem de, respectivamente, assimilação e neutralização.

Cabe destacar que, apesar da escassez de estudos acerca das vogais médias pretônicas na fala espontânea de Ponta Grossa, observa-se a ausência do abaixamento vocálico na variedade. No PB, a depender de variação dialetal ou idioletal, as vogais médias-altas átonas podem ser pronunciadas como médias-baixas, como em “s[E]vera” e “s[O]letra”, perdendo o traço [+alto], o que caracteriza fonologicamente o fenômeno (CRISTÓFARO SILVA, 2003, 2011).

Apresentados os fenômenos fonético-fonológicos variáveis que envolvem as vogais médias pretônicas no PB, passa-se, na seção seguinte, à descrição de aspectos referentes à escrita.

1.2 Aquisição da escrita

Roberto (2016) problematiza a terminologia “aquisição da escrita”. Conforme afirma a autora, a escrita, ao contrário da fala, não se *adquire*. O que ocorre, na verdade, é uma aprendizagem por meio de um processo de conscientização metalinguística feito sistematicamente e, portanto, a aquisição, nesse caso, deve ser interpretada como um processo de *aprendizagem*.

Em relação a esse processo, Seara, Nunes e Lazarotto-Volcão (2015, p. 165) destacam ser a alfabetização um componente do letramento, posto que “vai além da codificação de fonemas e decodificação de grafemas, assimilação do sistema alfabético e ortográfico da língua”, como explicita o Modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004), apresentado na seção a seguir.

1.2.1 Modo heterogêneo de constituição da escrita

O presente artigo segue, como arcabouço teórico, o Modo heterogêneo de constituição da escrita, proposto por Corrêa (2004), que considera a heterogeneidade parte integrante da própria língua e, portanto, constitutiva também da escrita, atingindo a compreensão de norma e de norma escrita culta. A partir disso, o autor rompe com a dicotomia entre fala e escrita e se distancia da concepção metodológica de gêneros dispostos em um *continuum*, concepção proposta por autores como Marcuschi (2010).

Corrêa (2004) argumenta em favor de um misto entre o oral e o letrado, concebendo o letramento como um processo de natureza sócio-histórica e a escrita como um processo, e não como um produto, “lugar do retorno das clássicas oposições entre padrão/desvio, regra/exceção,



acerto/erro” (CORRÊA, 2004, p. 22).⁸ Desse modo, conceitua o modo heterogêneo de constituição da escrita como o encontro entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, considerando a circulação dialógica do sujeito com o já falado/escrito e o já ouvido/lido. O pesquisador explica que os elementos centrais dessa corrente teórica são a

[...] circulação dialógica do escrevente – que pressupõe, com Bakhtin, o princípio dialógico da linguagem – e a imagem que o escrevente faz da escrita, tomada como parte de um imaginário socialmente partilhado, modo de recuperar a presença das práticas sociais na produção discursiva dos seus agentes (CORRÊA, 2004, p. 9).

Segundo Corrêa (2004), esse imaginário é o meio pelo qual se materializam linguisticamente as relações reais entre os agentes sociais e a escrita, tendo como base as práticas sociais das quais a escrita faz parte. Com base nisso, são apontados três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita, sendo o primeiro eixo denominado “o modo de constituição da escrita em sua suposta gênese”, o momento em que o escrevente toma a escrita como representação “termo a termo da oralidade, situação em que tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal” (CORRÊA, 2004, p. 10).

O segundo eixo, “apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado”, trata da representação que o escrevente faz do institucionalizado para a (sua) escrita, podendo corresponder essa institucionalização à escola, mas não se restringindo a ela. É importante destacar que o uso do termo “código” tem por objetivo “significar o processo de fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições, sujeito, portanto, aos movimentos da história e da sociedade” (CORRÊA, 2004, p. 10). Corrêa (2004) acrescenta que o segundo eixo se difere do primeiro ao ter como ponto de partida o que o sujeito imagina ser um modo já autônomo de representação da oralidade.

De acordo com Corrêa (2004), o terceiro eixo aborda a relação do texto com o já falado/ouvido e já escrito/lido, denominado “eixo da dialogia com o já falado/escrito”. Nesse eixo, o escrevente possui contato com a experiência oral, a produção escrita em geral e com a produção da escrita particular.

O autor salienta que os três eixos caracterizam três diferentes momentos de representação dos interlocutores constituídos e a divisão enunciativa do escrevente. Além disso, explica que não

⁸ Com base nesse pressuposto teórico, o presente trabalho afasta-se da nomenclatura “erros ortográficos”, concebendo-os como “grafias não convencionais”, que funcionam como indícios do modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004).



há um texto em que esteja presente apenas um dos eixos isoladamente, pois os três eixos funcionam conjuntamente durante o processo de produção textual.

Com base no que foi exposto, este artigo opta por realizar um recorte metodológico e analisar as grafias não convencionais considerando os dois primeiros eixos apresentados Corrêa (2004), “modo de constituição da escrita em sua suposta gênese” e “apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado”, por tratarem das relações entre as marcas presentes nos textos dos escreventes e as características nas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito no âmbito das instituições.

A partir desse arcabouço teórico, são analisadas grafias não convencionais, sobre as quais se discorre na seção a seguir.

1.2.2 Grafias não convencionais

Em textos espontâneos, dentre as grafias não convencionais mais recorrentes, encontra-se a associação que o escrevente faz com a pronúncia, “como se fosse uma transcrição fonética” (CAGLIARI, 1998, p. 277), como no exemplo “cieasiora” (para “Quem é a senhora”). Para o autor, esses casos são corrigidos por meio da leitura. O autor salienta a dificuldade para a escrita dos grafemas <e> e <i>, tendo em vista a tendência de o grafema <e> ser pronunciado como [i], como em “s[i]guintes”, em posições átonas. Segundo o autor, o fato de a língua portuguesa apresentar muitos vocábulos com som de [i] grafados ora com <e>, como “seguintes”, ora com <i>, como “cinema”; causa dúvidas ortográficas no aluno. De acordo com o autor, nesses casos, não há uma regra que defina em que ambiente de palavras ocorrerá uma vogal média-alta ou alta e, dessa maneira, deve-se conhecer a palavra e as diferenças dialetais de pronúncia, além de se criar o hábito de se ter dúvidas ortográficas e buscar resolvê-las, buscando, por exemplo, no dicionário.

Especificamente sobre os grafemas <o> e <u>, conforme atesta o autor, quando se encontrar [u] em sílaba átona, é necessário o conhecimento da grafia da palavra, para saber se deve ser escrita com <o>, como “comida”, ou <u>, como “funil”. Aponta ainda que, em algumas palavras, a pronúncia de /o/ como [u] em sílabas átonas, como em “t[u]mada”, é estigmatizada em certas variedades, “ficando a pronúncia do O fechado para uma fala mais formal ou própria de certos dialetos do Sul do país e no dialeto caipira” (CAGLIARI, 1998, p. 378).



Outro tipo de grafias não convencionais corresponde aos casos de hipercorreção, que “ocorrem quando o aluno exagera na aplicação de uma regra, usando-a para contextos não permitidos” (CAGLIARI, 1998, p. 278), como em “medeco” (para “médico”).

Cagliari (1998) destaca a dificuldade de escrever os sons [i] e [u] em sílabas átonas, devendo o docente estabelecer determinadas regras, sem se preocupar com exceções. Segundo o autor:

Por exemplo, é muito raro encontrar palavras em português que se escrevem com I + S + consoante. Em geral, quando se tem os sons de “is + consoante” [...], a palavra escrita começa com a vogal E: ESCOLA, ESPADA, ESQUADRA, etc. Como exceção temos ISQUEIRO, ISTMO, ISCA... e alguns nomes de origem estrangeira: ISRAEL, ISLAMITA, ISLANDÊS” (CAGLIARI, 1998, p. 150).⁹

Simões (2006) classifica as grafias não convencionais em três grupos: (i) da escrita fonética; (ii) da regularização sistêmica; e (iii) da instabilidade gráfica. No primeiro grupo, o escrevente reproduz a fala na escrita, registrando também suas variantes linguísticas, como, por exemplo, ao grafar “ispaço” (para “espaço”). Segundo a autora, “o que se vê é a grafação da forma oral da vogal, por desconhecimento das convenções ortográficas: para o aluno, quando se fala [i], escreve-se [i]” (SIMÕES, 2006, p. 50). No segundo grupo, o escrevente demonstra captar, mesmo que por intuição, aspectos estruturais da língua, como quando grafa “poloda” (para “pulou da”), por associação a vocábulos em que se grafa <o> apesar da pronúncia [u], como em “mato” e “dedo”, ocorrendo, portanto, uma *hipercorreção*. Por fim, o terceiro grupo engloba casos decorrentes de analogia com formas gráficas mais conhecidas pelo escrevente em casos de vocábulos que “não participam da rotina das leituras escolares, principalmente em se tratando de alfabetização por cartilhas tradicionais, do tipo *Eva viu a uva*”, como em “espaso” (para “espaço”) (SIMÕES, 2006, p. 54).

Conforme Simões (2006), no ensino de escrita, o professor deve orientar o aluno para, entre outros fatores, (i) as especificidades das modalidades falada e escrita; (ii) a variação linguística presente no PB; e (iii) a não correspondência entre fonemas e letras. Para tanto, a autora destaca a necessidade de uma formação técnico-teórica docente no que tange ao domínio da estrutura e do funcionamento do PB, por meio de pesquisa e reflexão sobre a temática.

Carmo (2014) analisa grafias não convencionais de vogais pretônicas em textos escritos por alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do interior paulista, a partir do Modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004). Utilizando, como *corpus*,

⁹ Além desse contexto de início de vocábulo, o autor destaca também os prefixos, finais de palavras e sufixos.



405 produções textuais do Projeto Desenvolvimento de Oficinas Pedagógicas de Leitura, Interpretação e Produção Textual (Ibilce/Unesp), a autora encontrou 176 dados de grafias não convencionais. Os casos classificados como transcrição fonética corresponderam a 65,9% do total, com destaque à presença de vogais em início de vocábulo, encontros vocálicos e prefixos, como, respectivamente, “*intão*”, “*juelhos*” e “*disfazer*”. Já as ocorrências classificadas como hipercorreção corresponderam a 34,1% dos dados e envolveram, sobretudo, vogais anteriores, como “*ermã*” e “*veagem*”. De acordo com a autora, o estudo apontou que, de modo geral, os alunos diminuem a realização de grafias não convencionais ao longo do segundo ciclo do Ensino Fundamental, porém, essa redução se dá de forma heterogênea no decorrer dos diferentes anos.

Após a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, exploram-se, na próxima seção, o material e os métodos empregados para a sua condução.

2 Material e métodos

O *corpus* utilizado neste trabalho provém da dissertação de Mestrado realizada por Mendes (2013), que teve o propósito de analisar textos de opiniões escolares escritos por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental (60 alunos, entre onze e doze anos de idade) de duas escolas públicas estaduais da cidade Ponta Grossa (PR), observando-se questões de aquisição de linguagem e autoria em texto de opinião (MENDES, 2013).

Os textos foram elaborados a partir de uma sequência de atividades sobre o gênero textual *anúncio publicitário*, que se enquadrava no tema *consumo* proposto conforme as orientações da SEED em 2008. A primeira proposta foi a de desenvolver um anúncio publicitário para a venda de um produto; e a segunda, a de elaborar um texto de opinião sobre o tema: “Tomar refrigerante pode fazer uma criança feliz?”. O trabalho da autora resultou em um banco de dados formado por 203 textos, os quais constituem o *corpus* da presente pesquisa.

Deve-se destacar que, durante o levantamento dos dados dessas 203 produções textuais, alguns dados foram excluídos. Por focalizar o contexto pretônico, não são analisadas grafias não convencionais em sílabas tônica, como em “*felez*”, “*aque*” e “*brendes*” (para “*feliz*”, “*aqui*” e “*brindes*” – escreventes 13, 73 e 129, respectivamente), e postônica, como em “*pouquíssima*”, “*músecas*” e “*vídio*” (para “*pouquíssima*”, “*músicas*” e “*vídeo*” – escreventes 13, 76 e 156, respectivamente). Também foi descartada uma ocorrência presente no clítico¹⁰ <mi> (para “*me*” –

¹⁰ Monossílabo átono que apresenta “independência gramatical, mas é fonologicamente dependente de um elemento adjacente” ao qual se associa (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 74).

escrevente 22). Ademais, foram descartados casos dúbios e rasurados, como os apresentados a seguir.

Figura 3: Exemplos de ocorrências desconsideradas

Para “feliz”

Escrevente 17

Para “refrigerante”

Escrevente 130

Para “preferiu”

Escrevente 77

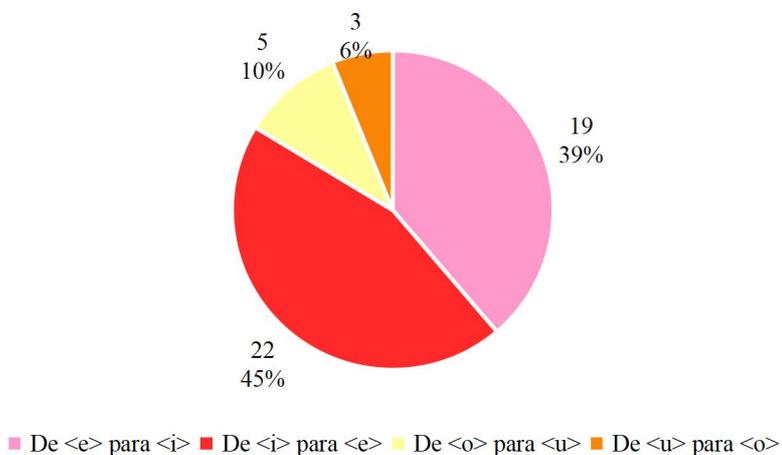
Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de Mendes (2013)

Passa-se, agora, à análise dos dados levantados a partir das 203 produções textuais do banco de dados de Mendes (2013).

3 Análise dos dados

Das 203 produções textuais, foi levantado um total de 49 grafias não convencionais, sendo assim distribuídas:

Gráfico 1: Ocorrências gerais



Fonte: Elaborado pelas autoras



Como pode ser observado no Gráfico 1, a maioria (41 casos ou 83,7% do total) das ocorrências envolve os grafemas <e> e <i>, relativos às vogais anteriores. Tal resultado também foi encontrado por Carmo (2014) para grafias que não seguem a convenção em textos de alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior paulista. Segundo a pesquisadora, 69,3% das ocorrências envolviam as vogais anteriores, enquanto 30,7% diziam respeito às vogais posteriores.

Esse resultado pode ser explicado pela presença do alçamento da vogal /e/ em contextos específicos, como o de início de vocábulo. Estudos sobre vogais médias pretônicas iniciais em diferentes falares do PB, como os de Battisti (1993), sobre variedades gaúchas, de Brandão, Rocha e Santos (2012), acerca da variedade de Nova Iguaçu (RJ), e de Carmo (2019), sobre o interior paulista, atestam índices de alçamento superiores a 70% para vogais anteriores, como em “[i]stágio”, e de cerca de 1% para vogais posteriores, como em “[u]portunidade”. Como poderá ser observado adiante, mais precisamente nos quadros 1 e 2 deste trabalho, 15 ocorrências de grafias não convencionais correspondem a vogais anteriores iniciais, a saber: “emplorar”, “empresionar”, “enfluência”, “enfluenciar”, “enformar”, “enstitui”, “enteira”, “entestino”, “investimento”, “imbalagem”, “imbelezar”, “inganosa”, “ingordar”, “ingordaria”, “intregar”. Já para a vogal posterior, há apenas uma grafia não convencional em início de vocábulo: “uriginal”. Ademais, destaca-se a própria temática de uma das produções textuais (“Tomar refrigerante pode fazer uma criança feliz?”), tendo em vista o fato de cinco grafias não convencionais se encontrarem em “refrigerante”, grafado ora como “refrigirante”, ora como “refregerante”.

Em relação aos tipos de grafias não convencionais (CAGLIARI, 1998; SIMÕES, 2006), foram observados números próximos de ocorrências para os tipos: (i) transcrição/escrita fonética, 24 (49%); e (ii) hipercorreção/regularização sistêmica, 25 (51%).

Na próxima seção, são expostas e analisadas as ocorrências do tipo transcrição/escrita fonética.

3.1 Transcrição/escrita fonética

Como descrito na seção 1.2.2, o escrevente, muitas vezes, pauta-se na pronúncia de sua variedade linguística para a escrita, realizando uma espécie de “transcrição” ou “escrita” fonética (CAGLIARI, 1998; SIMÕES, 2006). Como já mencionado, das 49 grafias não convencionais, foram obtidas 24 ocorrências desse tipo de grafia, correspondentes a 49% do total. Esse resultado se diferencia do obtido por Carmo (2014) em textos escritos no interior paulista, em que 65,9% das



ocorrências de grafias não convencionais dizem respeito a essa classificação. Além de analisarem textos escritos em diferentes regiões brasileiras, deve-se destacar o fato de a autora investigar dados provenientes de todos os anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, ao contrário do presente estudo, que focaliza sua análise no 6º ano do Ensino Fundamental.

Essas 24 ocorrências são apresentadas no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Ocorrências de grafias não convencionais do tipo transcrição/escrita fonética

De <e> para <i>			De <o> para <u>		
Grafia não convencional	Grafia convencional	Escrevente	Grafia não convencional	Grafia convencional	Escrevente
<i>Benifícios</i>	<i>Benefícios</i>	107	<i>Dispunível</i>	<i>Disponível</i>	167
<i>Bixiga</i>	<i>Bexiga</i>	110	<i>Juelheiras</i>	<i>Joelheiras</i>	183
<i>Dipois</i>	<i>Depois</i>	154	<i>Muleque</i>	<i>Moleque</i>	4
<i>Disconto</i>	<i>Desconto</i>	73	<i>Preucupe</i>	<i>Preocupe</i>	86
<i>Discontos</i>	<i>Descontos</i>	73	<i>Uriginal</i>	<i>Original</i>	55
<i>Disfilar</i>	<i>Desfilar</i>	69			
<i>Filiz</i>	<i>Feliz</i>	38			
<i>Filiz</i>	<i>Feliz</i>	121			
<i>Imbalagem</i>	<i>Embalagem</i>	98			
<i>Imbelezar</i>	<i>Embelezar</i>	60			
<i>Inganosa</i>	<i>Enganosa</i>	107			
<i>Ingordar</i>	<i>Engordar</i>	127			
<i>Ingordaria</i>	<i>Engordaria</i>	127			
<i>Intregar</i>	<i>Entregar</i>	145			
<i>Ofericia</i>	<i>Oferecia</i>	198			
<i>Refrigirante</i>	<i>Refrigerante</i>	31			
<i>Refrigirante</i>	<i>Refrigerante</i>	136			
<i>Refrigirante</i>	<i>Refrigerante</i>	138			
<i>Repitidamente</i>	<i>Repetidamente</i>	29			

Fonte: Elaborado pelas autoras



Como pode ser observado, todas as ocorrências podem ser explicadas pela pronúncia das vogais pretônicas como vogais altas, como em “b[i]xiga” e “m[u]leque”, correspondendo, portanto, a casos de transcrição/escrita fonética. Dez ocorrências têm seu alçamento vocálico motivado pela presença de uma vogal alta na sílaba imediatamente seguinte, a saber: “ben[i]fícios”, “b[i]xiga”, “d[i]sfilar”, “f[i]liz” (2 ocorrências), “ofer[i]cia”, “rep[i]tidamente”, “disp[u]nível”, “[u]riginal” e “pre[u]cupe”. Neste último caso, assim como em “j[u]elheiras”, a vogal pretônica encontra-se também em sequência vocálica, contexto destacado por Carmo (2014) para as grafias não convencionais no interior paulista. Outro contexto destacado pela autora é o de início de vocábulo, que, como mencionado anteriormente, explica as grafias presentes em “imbalagem”, “imbelezar”, “inganosa”, “ingordar”, “ingordaria” e “intregar”, por se tratar de um contexto com alta frequência de alçamento da vogal pretônica /e/ (BATTISTI, 1993; BRANDÃO; ROCHA; SANTOS, 2012; CARMO, 2019), em que “a elevação dessa vogal superepuja à da vogal interna” (BISOL, 1981, p. 35). Deve-se destacar também que todas essas ocorrências são seguidas por consoante nasal. Sobre isso, Bisol (1981, p. 33-34) afirma, para variedades gaúchas, que “a elevação de /e/ antes de /N/ e /S/ que parece um fato consagrado tocou as raias de 90% [...] com índices superiores aos da vogal interna que não ultrapassa a área de 30%”.

Deve-se destacar, também, o contexto /des-/ para a aplicação do alçamento vocálico, como em “d[i]sconto(s)”. Além disso, verificam-se casos de alçamento sem motivação aparente, como em “m[u]leque”, em que, na ausência de uma vogal alta na sílaba imediatamente seguinte à da pretônica, o alçamento pode ser explicado pela influência da consoante labial precedente /m/, que favorece o alçamento pelo fato de a vogal /u/ ser mais labializada do que /o/ (BISOL, 1981).

Esses casos podem ser associados ao primeiro eixo proposto por Corrêa (2004), como apresentado na seção 1.2.1, o modo de constituição da escrita em sua gênese, em que o escrevente toma a escrita como representação do oral/falado, “supondo-o como plasmado ao escrito (CORRÊA, 2004, p. 46). De acordo com o autor, “o escrevente evidencia um tipo de representação da gênese da escrita em que o material gráfico é tomado como um instrumento fiel de gravação da memória sonora do falado” (CORRÊA, 2004, p. 48). Em outras palavras, com base em sua circulação dialógica pelas práticas sociais do oral/falado, o escrevente projeta elementos fonético-fonológicos de sua variedade linguística, como a pronúncia de “d[i]pois”, no momento da sua escrita, materializando a grafia “d̃ipois”, que não segue a convenção ortográfica.

As grafias não convencionais do tipo hipercorreção/regularização sistêmica são analisadas na próxima seção.

3.2 Hipercorreção/regularização sistêmica

Nos casos de hipercorreção/regularização sistêmica, como já exposto na seção 1.2.2, há uma aplicação da regra em um contexto em que ela não deveria ser aplicada (CAGLIARI, 1998), em que o escrevente demonstra conhecer aspectos estruturais e ortográficos da língua (SIMÕES, 2006). Nesta investigação, observam-se 25 ocorrências desse tipo de grafia não convencional, correspondentes a 51% do total, diferentemente do estudo de Carmo (2014), que obteve 34,1% de hipercorreção/regularização sistêmica. Todavia, assemelha-se a esse estudo ao também verificar que esses casos se dão, sobretudo, em vogais anteriores, como pode ser observado no quadro 2:

Quadro 2: Ocorrências de grafias não convencionais do tipo hipercorreção/regularização sistêmica

De <i> para <e>			De <u> para <o>		
Grafia	Grafia convencional	Escrevente	Grafia não convencional	Grafia convencional	Escrevente
<i>Ante-rugas</i>	<i>Anti-rugas</i>	83	<i>Foncionários</i>	<i>Funcionários</i>	59
<i>Denheiro</i>	<i>Dinheiro</i>	79	<i>Molheres</i>	<i>Mulheres</i>	71
<i>Destribuiria</i>	<i>Distribuiria</i>	165	<i>Qoanto</i>	<i>Quanto</i>	29
<i>Emplorar</i>	<i>Implorar</i>	34			
<i>Empressionar</i>	<i>Impressionar</i>	71			
<i>Enfluência</i>	<i>Influência</i>	44			
<i>Enfluenciar</i>	<i>Influenciar</i>	44			
<i>Enformar</i>	<i>Informar</i>	86			
<i>Enstitui</i>	<i>Institui</i>	44			
<i>Enteira</i>	<i>Inteira</i>	112			
<i>Entestino</i>	<i>Intestino</i>	54			
<i>Investimento</i>	<i>Investimento</i>	175			
<i>Estever</i>	<i>Estiver</i>	13			
<i>Estever</i>	<i>Estiver</i>	13			



<i>Jequeti</i>	<i>Jequiti</i>	96
<i>Premeada</i>	<i>Premiada</i>	192
<i>Refregerante</i>	<i>Refrigerante</i>	13
<i>Refregerante</i>	<i>Refrigerante</i>	13
<i>Reterar</i>	<i>Retirar</i>	13

Fonte: Elaborado pelas autoras

Novamente, destaca-se o contexto de vogal inicial /e/, neste caso, seguida por uma consoante nasal: “emplorar”, “empressionar”, “enfluência”, “enfluenciar”, “enformar”, “enstitui”, “enteira”, “entestino” e “investimento”.

Além disso, quatro ocorrências dizem respeito a um nome próprio: “Jequeti”. De acordo com Cagliari (1998, p. 387), “os nomes próprios não têm uma forma gráfica estabelecida pela ortografia oficial, a não ser quando usados como um apelativo comum”. Atesta-se, também, uma grafia não convencional em que a pretônica se encontra no prefixo *anti-*, em “ante-rugas”. O escrevente, no momento de sua escrita, pode ter feito uma analogia com a grafia do prefixo *ante-*, que expressa anterioridade, como em “antessala”. Da mesma forma, em “distribuiria”, pode ter havido uma associação ao prefixo *des-*, que, muitas vezes, apresenta a pronúncia alçada “d[i]s”, mas é grafado convencionalmente com <e>, como em “desfazer”.

Esses tipos de grafias não convencionais associam-se ao segundo eixo proposto por Corrêa (2004), em que a escrita é apropriada em seu estatuto de código institucionalizado (seção 1.2.1). Nesse sentido, a partir de sua circulação dialógica pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito e tendo a escola como uma das instituições (re)produtoras mais fortes do código escrito (CORRÊA, 2004), observa-se, como parte do imaginário do escrevente, a escrita culta formal, mais precisamente as convenções ortográficas. Assim, o escrevente, associando a mesma pronúncia da vogal pretônica de “m[u]leque” à de “m[u]lheres”, por exemplo, e conhecendo a convenção ortográfica de “moleque”, aplica a hipercorreção/regularização sistêmica a “molheres”, concebendo a grafia <u> da vogal pretônica como marca do fenômeno fonético-fonológico variável presente em suas práticas sociais do oral/falado. Segundo Corrêa (2004, p. 59), nesse caso, a escrita



é “socialmente reconhecida como sendo de tal modo normatizada que as marcas do oral/falado que eventualmente nela possam aparecer são vistas como desvios do instituído e, por isso, como devendo ser tomadas como lhe sendo totalmente exteriores”. Por fim, a próxima seção apresentamos as considerações finais deste trabalho.

Considerações finais

O presente estudo analisou grafias que não seguem a convenção ortográfica e que envolvem trocas gráficas, em contexto pretônico, entre <e> e <i>, como em “ofericia” e “estever”, e entre <o> e <u>, como em “joelheiras” e “qoanto”, em textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de Ponta Grossa (PR).

Como arcabouço teórico, seguiu o Modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004). A partir da análise de 203 produções textuais retiradas do banco de dados de Mendes (2013), foram levantados 49 dados, com índices similares para os tipos de grafia não convencionais denominados “transcrição/escrita fonética” (49%) e “hipercorreção/regularização sistêmica” (51%) (CAGLIARI, 1998; SIMÕES, 2006).

Nos casos classificados como “transcrição/escrita fonética”, como em “disfilar” e “dispunível”, observou-se o primeiro eixo de circulação dialógica pelos quais o escrevente passa na representação que faz de (sua) escrita: o da representação da gênese da escrita (CORRÊA, 2004), em que o escrevente a toma como representação do oral/falado. Atesta-se, mais precisamente, a influência do fenômeno fonético-fonológico variável alçamento vocálico, principalmente – mas não exclusivamente –, dos casos em que esse fenômeno é motivado pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, processo denominado harmonização vocálica.

Por sua vez, os casos classificados como “hipercorreção/regularização sistêmica”, como “denheiro” e “mulheres”, mostraram relação com o segundo eixo proposto por Corrêa (2004): representação do código escrito institucionalizado. Como o próprio nome indica, nesse momento, o escrevente representa, em sua escrita, o que imagina ser o código institucionalizado, lidando com o que supõe ser a concepção escolarizada desse código.

A análise explícita a complexidade do percurso do escrevente em seu processo de aquisição da escrita, neste caso, das vogais pretônicas. A partir de sua circulação dialógica por práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, o escrevente, em suas grafias não convencionais, fornece indícios de diferentes hipóteses que pautaram sua escrita. Corrobora-se, portanto, a concepção



presente no Modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004) de ser a aquisição da escrita um processo - e não um produto, o que levaria à visão normativa das grafias não convencionais como meros erros.

Apesar de uma proposta de aplicação ao ensino fugir do escopo do presente estudo, vislumbram-se algumas orientações voltadas às práticas sociais da oralidade e do letramento. Roberto (2016), por exemplo, sugere que o ensino de ortografia deva se pautar pela explicação das relações de correspondência entre grafemas e fonemas da língua para que o aluno compreenda os princípios do letramento referentes à leitura e à escrita no PB. De modo semelhante, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) afirmam que, além da relação entre grafemas e fonemas, devem ser explicitados os *objetivos* da leitura, isto é, a compreensão, e não apenas a soletração silábica. Cagliari (1998) afirma que um professor do 6º ano (5ª série, no trabalho do autor) percebe que um aluno tem dificuldades com a ortografia, e deverá ensinar, dentre outras questões, a respeito do processo de aquisição da linguagem, variação linguística, natureza, função e usos dos sistemas de escrita. Por fim, o autor orienta que o professor apresente uma lista de palavras que fogem da convenção e analise as hipóteses do aluno para escrevê-las (CAGLIARI, 1998), como feito na presente investigação.

A partir da análise dos dados levantados, bem como das conclusões aqui elencadas, espera-se que este trabalho contribua para os estudos sobre a aquisição da escrita de vogais pretônicas no PB, tendo em vista seu vínculo ao Projeto nacional PROBRAVO.

Referências

BATTISTI, E. Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BATTISTI, E. Fonologia. In: SCHWINDT, L. C. (Org.) **Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 27-108.

BISOL, L. Harmonização vocálica: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.



BRANDÃO, S. F.; ROCHA, F. M. V.; SANTOS, E. R. Vogais médias pretônicas em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 28, n. 1, p. 273-288, jan.-jun. 2012.

BRESCANCINI, C. R. *et al.* Alçamento da vogal pré-tônica em Porto Alegre-RS: léxico e variação. **ReVEL**, ed. esp., n. 14, 2017.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1970].

CARMO, M. C. Grafias não-convencionais de vogais pretônicas em textos de alunos do segundo Ciclo do Ensino Fundamental. In: MAGALHÃES, J. S. (Org.). **Linguística in Focus: Fonologia**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014, v. 10, p. 313-334.

CARMO, M. C. Alçamento vocálico das vogais médias pretônicas iniciais na variedade do noroeste paulista. **Estudos Linguísticos** (SÃO PAULO. 1978), v. 48, p. 800-821, 2019.

CARMO, M. C.; CARLOS, V. G. Alçamento vocálico sem motivação aparente: as vogais médias pretônicas no noroeste do estado de São Paulo. **Signum**[LONDRINA]: ESTUDOS DE LINGUAGEM, v. 22, p. 114-144, 2019.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

KLUNCK, P. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDES, S. F. **Indícios de autoria em textos de opinião escolares escritos por alunos de 6º ano do ensino fundamental**. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

MONARETTO, V. N. O. O alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente: um estudo em tempo real. **Fragmentum**, n. 39, p. 18-28, out./dez. 2013.

ROBERTO, M. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.



SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, S. M.; BIASIBETTI, A. P. C. S. O papel do léxico no alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 151-178, 2017.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola, 2006.